

**Por uma teoria erótica-amorosa do Direito – as tragédias gregas e o despertar do corpo poético - a parresia de Creusa no Íon**

*Paola Cantarini*

*Mestre em  
Direito comercial  
pela PUCSP,  
doutoranda em  
filosofia do  
direito pela  
PUCSP,  
professora  
UNIFMU e UNIP*

Introdução

Numa aproximação à forma de arte total. “Teatralidade” e “corpos poéticos” são termos com que se pretende designar uma postura a ser cultivada, para uma melhor compreensão e enfrentamento das condições atuais de nossa existência, reflexão e fundamentação teórica de práticas inovadoras.

Do que se trata é da busca da reconstrução poética e filosófica de textos clássicos das tragédias gregas, objetivando a teatralização como método de funcionamento em busca do corpo poético.

O teatrólogo e escritor francês ANTONIN ARTAUD, em passagem que consta logo da “introdução” de “O Teatro e o seu duplo” (trad. port. de Fiana Hasse Pais Brandão) ressalta:

(...) Se é fato que grassa entre em nós, hoje em dia, a confusão, distingo perfeitamente na raiz desta confusão uma

ruptura entre as coisas e as palavras, entre as coisas e as ideias e os signos que representam.

Trata-se de nossa “impotência de possuir integralmente a vida”.

Assim como a arte não pode ficar restrita aos museus e suas molduras, também a filosofia não está apenas nos livros, mas tanto pode estar em um filme de faroeste ou num gibi, como dizia aqueles que hoje aclamam com um dos maiores filósofos, LUDWIG WITTGENSTEIN, assim como pode estar em livros ou práticas de psicanálise, direito, literatura, religiões e até nas ciências – *malgré de soi-même*, apesar de si mesmas.

Tornar-se consciente de si e do outro, em frente a fundo novo, cobrar uma consistência nova, um sentido autônomo, por meio de leituras dramáticas e coletivas, intervenções artísticas, poesias, literatura, diálogos, questionamentos filosóficos, objetivando-se investigar os sentidos das tragédias gregas, trazendo-as à tona em “ato”-diálogo-poético”.

A partir do texto da tragédia Íon, Foucault procura mostrar como a parresia buscada pelo personagem mítico referido no título da obra de Eurípedes estaria ligada profunda e originariamente à democracia, sendo esta, por seu turno, um dos vértices do retângulo constitutivo da produção da verdade por meio da parresia.

Apenas aquele que é possuído pela mais completa sinceridade é capaz de se transformar.

Para que esta parresia política seja alcançada por Íon é necessária toda uma aleturgia, “toda uma série de processos e procedimentos que vai desnudar a verdade”(id. ib., p. 127 ). A verdade de Íon é dita de forma oracular, reticente, enigmática, e é no próprio ádrio do templo de Apolo que essa verdade virá a ser plenamente dita e revelada a todos. Essa verdade se faz de certo modo metades por metades. Não é dita de uma só vez toda a verdade, pois ninguém a possui assim inteiramente. Daí a necessidade de se fazer aproximações entre os envolvidos em determinado assunto para assim, cada um como que juntando as

partes esfaceladas de sua verdade parcial, possa vir à luz pública a verdade inteira.

*Eros, invencível eros.*

*Sem vida não há amor! (Eurípedes)*

Aqui se pode perceber a relação de dependência entre essa revelação por assim dizer procedimental da verdade e a liberdade que se há de dispor para simultaneamente contribuir e se beneficiar da descoberta dela. Porém, essa participação, até para vir a realmente ocorrer, pode exigir do participante bem mais ou menos do que o recurso à racionalidade, preconizado pelas concepções hoje em voga na discussão em filosofia prática de um modo geral, ou seja, ético-política e jusfilosófica. Baseando-se em Dumézil, Foucault traz o problema da voz como pano de fundo da mitologia apolínea, já que Apolo é ao mesmo tempo o deus da lira e do canto, sendo ele quem nos ensinou a tocar a lira.

A função de Apolo mágico-política ou de administração do sagrado teria dois elementos ou funções complementares, o acoplamento oráculo e lira, oráculo e canto, sendo estes as duas direções na comunicação entre os homens e os deuses. O oráculo é a forma dos deuses se comunicarem aos homens e estes em agradecimento cantam aos deuses. Em Íon como o canto passou para o lado dos deuses, de Apolo e este é indiferente aos sofrimentos dos humanos, então, o que vai se elevar vindo dos homens não pode ser mais o próprio canto, sendo agora o grito, o grito de dor contra o oráculo reticente que se recusa a dizer a verdade, o grito de Creusa. Sobre a questão da verdade, da parresia, buscou-se uma relação com o texto de Michel Foucault com outro texto de IMMANUEL KANT, “A paz perpétua e outros opúsculos”, ao tratar do que é o iluminismo. Segundo Kant o iluminismo é a saída do homem da sua menoridade, que seria sua incapacidade de se servir do seu próprio entendimento sem se valer da orientação de outrem, agindo assim por falta de coragem e de decisão (“tem coragem de te servires do teu próprio entendimento”, é a frase de ordem do Iluminismo (“*aude saper*”). id. ib., p. 11-17).

Também encontramos certa menção à parresia, no sentido de dizer a verdade, em alguns poucos trechos do texto de Platão, Diálogos, na Carta VII, expondo que a verdade só se alcança sozinho, não com um mestre ou guru, muito menos por ensinamentos escritos, necessitando para tanto de almas boas e afinidade com o objeto de estudo. O conhecimento seria alcançado através da fricção entre diversas outras partes do conhecimento, e assim, o conhecimento apreendido pelo espírito jamais se esqueceria. Segundo Foucault o cerne da peça Íon é o confronto da função oracular do dizer-a-verdade.

Também importa destacar a função de fecundação, o mal-estar de Apolo quanto à sua própria fecundidade. Baseando-se em Dumézil Foucault traz o problema da voz como pano de fundo da mitologia apolínea. Apolo como deus da lira e do canto. A função de Apolo mágico-política ou de administração do sagrado teria dois elementos ou funções complementares, o acoplamento oráculo e lira, oráculo e canto, sendo estes as duas direções na comunicação entre os homens e os deuses.

O oráculo é a forma dos deuses se comunicarem aos homens e estes em agradecimento cantam aos deuses. Em Íon como o canto passou para o lado dos deuses, de Apolo e este é indiferente aos sofrimentos dos humanos, o que vai se elevar vindo dos homens não pode ser mais o próprio canto, sendo agora o grito, o grito de dor contra o oráculo reticente que se recusa a dizer a verdade (contra o canto alegre, vai soltar o grito da dor e da recriminação, Contra o canto, o pranto id. ib., p. 117).

Creusa vai clamar contra o oráculo a recriminação, sendo uma “espécie de jogo-aliteração entre recriminação e oráculo que indica que contra o deus do canto e contra o oráculo que se esquiva e que não quer falar” (id. ib., p 117). Ainda segundo Dumézil quanto à modulação trágica dos temas míticos, há a modulação trágica do canto e do oráculo (“eis que pelo grito de uma mulher, o deus do oráculo é juridicamente interpelado” id. ib., p 118 e ss. ). Há uma ambiguidade fundamental, entre o discurso do fraco e o discurso sensato encontrada no texto de Íon, ressaltada por Foucault como

sendo tal acoplamento encontrado na matriz do discurso político (id. ib., p. 127 e ss).

Como menciona Hölderlin: “*poeticamente vive o Homem nesta Terra*”, devemos viver literariamente, poeticamente, em busca da sensibilidade perdida.

## Conclusão

No fim da peça após a sacerdotisa mostrar o cesto onde Íon fora colocado pela mãe e abandonado no altar de Apolo, a verdade é finalmente revelada, não por Apolo, mas por Atena, já que Apolo não quer se apresentar porque teme as repreensões públicas pelo passado.

Foucault entende que a filosofia é entendida como filha da parresia, não de toda a filosofia, mas a filosofia entendida como a livre coragem de dizer a verdade, e assim, adquirir ascendência sobre os outros para conduzi-los convenientemente, concluindo que não apenas a parresia é uma operadora da verdade, como também o são a episteme (“o que todos tem de saber”) e a eunoia (“sentimento de belevolencia que provém da amizade”), que seriam critérios para dizer a verdade através do discurso da alma, da prova da qualidade da alma.

A parresia filosófica de Sócrates ao contrário da parresia de tipo pericliano, agora irá vincular um ao outro, o mestre ao discípulo, e vinculando-os irá ligá-los a parresia na unidade do saber, da unidade da ideia, na unidade do próprio Ser. Por isso que a parresia pericliana segundo o autor iria conduzir necessariamente a algo como a retórica, que permite prevalecer sobre os outros por meio da persuasão.

A parresia filosófica, segundo Foucault: “que joga nesse diálogo entre o mestre e o discípulo, conduz não a uma retórica, mas a uma erótica”.

## Referências bibliográficas

ARTAUD Antonin, "O Teatro e o seu duplo", trad. port. de Fiana Hasse Pais Brandão;

GUERRA. Filho. Willis Santiago. Para uma filosofia da filosofia. Editora UFC. 1999, Fortaleza.  
\_\_\_\_\_. Artigo: ((im) possibilidade e necessidade da Teologia. disponível em: <http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/willis.pdf>. acesso em fevereiro.2012);

FOUCAULT. Michel. Arqueologia das Ciências e história dos sistemas de pensamento. 2ª. Edição. Forense universitária. Coleção ditos e escritos II;

\_\_\_\_\_. O governo de si e dos outros. Editora Martins Fontes. São Paulo. 2ª. Ed. 2011;

EURÍPIDES; Íon.

PLATAO. Diálogos. Vol. V. Universidade Federal do Pará. 1975.